

Rotulações em textos jornalísticos: construção de imagens e de pontos de vista

Giselle Aparecida Toledo Esteves*

Introdução

O presente artigo demonstra resultados da investigação do processo de *referenciação*, mais especificamente do recurso coesivo de *rotulação*, em textos escritos jornalísticos publicados no mês de outubro de 2008 e apresenta orientações para a aplicação desse tema no ensino de Português.

Os critérios de seleção dos textos foram o seu eixo temático e o gênero textual ao qual pertencem. Recorreu-se a notícias de dois jornais do Rio de Janeiro que abordam temas que foram divulgados amplamente na mídia nacional: a prisão de Marcos Valério e o caso Eloá. O motivo que levou Marcos Valério ao cárcere foi o fato de ter sido provada sua participação em atos ilícitos, como corrupção. Tornou-se destaque na imprensa devido a um escândalo envolvendo políticos e propinas, um esquema denominado *mensalão*. Conhecido também como *o sequestro de Santo André*, o caso Eloá mobilizou a mídia por se tratar do mais longo sequestro registrado em São Paulo – mais de 100 horas de cárcere privado –, e por ter levado à morte Eloá Cristina Pimentel, ex-namorada de seu algoz, Lindemberg Alves. Acredita-se que, em notícias polêmicas como essas, a função argumentativa dos rótulos fica ainda mais evidente. Ademais, constituem um gênero escrito com o qual os alunos, normalmente, têm maior contato.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A análise da referenciação nos materiais investigados ocorreu com base nas hipóteses de que, na designação referencial, a construção de objetos-de-discurso e o emprego de rótulos anafóricos colaboram para que os enunciadores-jornalistas (doravante enunciadores) desenvolvam uma imagem (positiva ou negativa) dos personagens das matérias publicadas e revelem alguma postura em relação a esses fatos.

Objetivou-se, portanto, enfocar a função argumentativa dos rótulos, demonstrando como o processo de referenciação colabora para construir a imagem das personagens dos eventos publicados e/ou para indicar o ponto de vista dos enunciadores sobre os acontecimentos relatados. Acredita-se que, em sala de aula, o desenvolvimento de atividades com base no tipo de análise proposta pode ajudar os professores a atingir um objetivo mais amplo: o de desenvolver, nos alunos, uma capacidade crítica que os torne mais participativos, reflexivos e autônomos (PCN, 1998).

Referenciação: desvendando o processo

Referência e referenciação: dois nomes *aparentemente* sinônimos

Nesta pesquisa, concebe-se texto¹ como *processo*, o que implica reconhecer que este não apresenta uma única interpretação, um único significado, mas que pode expressar significados diversos, visto que é considerado como próprio *lugar* de interação verbal. (Koch, 2006, p. 85). São os participantes dessa atividade dialógica, os interlocutores, os responsáveis por construir sentidos. Sua subjetividade e os contextos social e cultural nos quais estão inseridos são levados em conta durante a interação. A concepção de linguagem que subjaz a essa interpretação de texto é, portanto, sociocognitiva e interacional. A seleção de formas linguísticas para designar algum referente (um vocábulo ou uma informação/trecho mais longo) é entendida como resultado da interação verbal e, para enfocar o dinamismo do processo/construção dessas formas, os que se baseiam nessa visão empregam o termo *referenciação* em vez de *referência*; *objetos-de-discurso*, em vez de *referentes*; e *rótulos* em vez de *expressões/formas nominais*.

¹ Pesquisadores, por volta das décadas de 60 e 70 (primeira fase da Linguística Textual), bem como alguns autores contemporâneos (cf. Rojo, 2005), alegam que o texto é a “realização linguística na qual se manifesta o discurso” (Meurer, 2005, p. 87). No entanto, para o presente estudo, qualquer seleção lexical ou modo de organização textual também implica uma organização discursiva, podendo revelar ideologias e, por isso, texto e discurso são considerados indissociáveis.

Referenciação: operações e funções

Segundo Koch (2004), são três as operações básicas da referenciação: (i) a *ativação*, (ii) a *de-ativação*, e (iii) a *reativação*.

Durante a *ativação*, um objeto-de-discurso é introduzido no texto e se torna foco na interação, pois preenche um espaço cognitivo (um *nódulo* ou um *endereço cognitivo*) na memória do interlocutor. Há dois tipos de ativação, a *não-ancorada* – introdução de um novo objeto-de-discurso –, e a *ancorada* – um objeto-de-discurso relacionado a elemento(s) presente(s) no cotexto ou no contexto sociocognitivo (anáforas associativas e indiretas). A pesquisa enfocou a análise de objetos-de-discurso ancorados por elementos do cotexto². Uma mudança de foco de um objeto-do-discurso para outro, a *de-ativação*, acarreta o preenchimento de um novo espaço cognitivo. No entanto, o endereço cognitivo do objeto que deixa de ser foco pode ser reativado a qualquer momento, permanecendo “no horizonte de consciência dos co-enunciadores [sic]” (Koch, 2004), configurando a *reativação*, que “dá origem a cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto” (Koch, 2004, p. 15). Essas operações revelam que os objetos-de-discurso são dinâmicos, pois uma vez criados podem ser, durante a progressão textual, acessados, desativados e reativados.

Quanto ao funcionamento textual-discursivo dos rótulos, Koch (2006) destaca as seguintes funções: (i) textual, (ii) cognitiva e (iii) argumentativa. A função textual dos rótulos contribui para a organização do texto. Podem atuar em anáforas e catáforas, além de serem responsáveis pelo encadeamento tópico. A função cognitiva refere-se à criação de um endereço cognitivo na mente dos interlocutores quando um objeto de discurso é produzido. Além disso, a produção de um rótulo implica a categorização dos conteúdos do cotexto. Para tanto, o enunciador ativa as características de determinado objeto-de-discurso e busca as que são partilhadas com seu interlocutor no intuito de empregar um rótulo que acredita ser o mais adequado, aquele que categoriza melhor o objeto produzido. Esse termo passa a ser um argumento de predicções futuras e, por isso, apresenta função predicante. Por serem formas referenciais e predicativas, é possível considerar os rótulos “formas híbridas” (Koch, 2006, p. 86). A função argumentativa, como o nome já sugere, demonstra que a escolha de um determinado rótulo para se referir a um objeto-do-discurso pode revelar o ponto de vista do enunciador em relação ao conteúdo do texto e/ou a seus personagens.

² Cotexto significa “texto ao redor”, o que está escrito antes ou a seguir.

A função argumentativa será enfocada neste artigo por meio da análise de notícias publicadas nos jornais *O Dia* e *Extra*³. Nesses textos, enfoca-se o recurso coesivo denominado *rotulação anafórica* – a seleção de uma forma nominal (um “rótulo”) para se referir a algum elemento do texto. Tenciona-se depreender os tipos de rótulos encontrados no material coletado; estes podem ser classificados em dois grandes grupos: os rótulos “neutros”⁴ e os rótulos *avaliativos* (o núcleo *miliciano* no título exemplificado apresenta valor negativo). No entanto, essa classificação não é suficiente, visto que não dá conta do que Koch (2006, p. 87) denomina “escala de argumentatividade”, pois não abarca termos híbridos que não podem ser interpretados como “neutros”, nem totalmente positivos ou negativos. Serão considerados rótulos híbridos aqueles que, fora do contexto interacional, apresentam-se “neutros”, mas, ao fazerem parte de determinado ambiente lexical e/ou contexto situacional, podem assumir traços positivos ou negativos, colaborando para a construção da imagem dos personagens do texto e para a depreensão de algum ponto de vista do enunciador.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de a coesão dos rótulos ser “função do grupo nominal inteiro, não apenas do nome nuclear” (Francis, 2003, p. 214). Serão analisadas, portanto, as funções dos modificadores, observando-se se estão no grupo dos ideacionais – apenas adicionam informações ao núcleo (*acidente espontâneo*), dos interpessoais – avaliam o trecho/termo ao qual se referem, indicando a posição do enunciador (*recomendação de clarividência*) e dos textuais – colaboram para a organização/ordenação das mensagens, além de relacioná-las (*o próximo argumento*).

Análise dos textos coletados

A prisão de Marcos Valério

Sobre esse tema, serão analisados dois textos:

³ Esses jornais são considerados populares. O critério para definir essa classificação é o acesso dos indivíduos, que está associado ao preço. Entende-se que pessoas de menor poder aquisitivo recorrem aos jornais cujos preços são mais acessíveis, como *Extra* e *O Dia* (R\$ 1,10). Logo, é de se esperar que seus textos permitam o emprego de registro informal.

⁴ O vocábulo *neutro* sempre virá entre aspas para indicar que não é possível haver termo completamente isento de argumentatividade empregado em um contexto interacional, já que qualquer escolha, inclusive por termos “neutros” pressupõe avaliações.

JORNAL *O DIA*

MANCHETE: Polícia Federal prende *Marcos Valério, o careca do Mensalão*. Título da matéria de dentro do jornal (p. 21, seção: País): *Marcos Valério* preso. Apontado como operador do mensalão é detido em ação da PF.

(Belo Horizonte) O empresário Marcos Valério de Souza e seu sócio Rogério Tolentino, além de mais de 15 pessoas, foram presos ontem, na Operação Avalanche, da Polícia Federal (PF). (...) Marcos Valério ficou conhecido como articulador do chamado mensalão, pelo qual responde, com Tolentino, a processo no Supremo Tribunal Federal. O empresário mineiro é apontado como principal operador do escândalo do pagamento de propina a parlamentares aliados do governo no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ele responde por formação de quadrilha, corrupção ativa, peculato, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. (...)

JORNAL *EXTRA*

MANCHETE: *Marcos Valério* é preso por espionagem. Título da matéria de dentro do jornal (p. 15): *Marcos Valério* é preso em operação da PF. Outras 15 pessoas, entre policiais e empresários, são detidas.

(São Paulo) Pivô do maior escândalo do governo Lula, o operador do mensalão, Marcos Valério Fernandes de Souza, foi preso ontem pela Polícia Federal, desta vez por supostamente comandar um esquema de espionagem contra agentes da Receita Federal e por corrupção de delegados da própria PF. (...)

A análise de dois textos com o mesmo tema pertencentes a dois jornais distintos corrobora o comentário de Ikeda (2005, p. 48): “Há sempre dois modos de dizer a mesma coisa e esses modos não são alternativas acidentais.”

Em ambos, a manchete de capa apresenta o personagem *Marcos Valério* (objeto-de-discurso). O jornal *Extra* não especifica quem é esse indivíduo, o que revela que o enunciador provavelmente considera que seu leitor irá reconhecê-lo prontamente. O jornal *O Dia*, diferentemente, acrescenta um epíteto (expressão que qualifica): *o careca do ‘Mensalão’*. Esse sintagma nominal é considerado como resultado de rotulação por

ter sido empregado para retomar um objeto-de-discurso, ativando, assim, o conhecimento de mundo dos leitores sobre o indivíduo. O enunciador apostou que o rótulo fosse compreendido por seu público-alvo, pois Valério foi o *careca* para o qual os holofotes da mídia se voltaram na época do escândalo do *mensalão*. O núcleo *careca*, nesse contexto, pode ter sido empregado como um estereótipo, com valor pejorativo. Há leitores, no entanto, que talvez não reconheçam essa função, podendo ser considerado “neutro”. Em sala de aula, os rótulos que dão margem para diferentes análises quanto ao seu teor argumentativo colaboram para que o professor demonstre aos alunos que, a depender de seu conhecimento de mundo e textual, podem divergir quanto à interpretação do texto, corroborando a noção de que ler um texto não é uma atitude passiva, mas um processo de co-construção de conhecimento e de interação. O modificador *do ‘Mensalão’* assume dupla função: ao mesmo tempo em que acrescenta uma informação (modificador ideacional), remete a um fato escandaloso e de conotação negativa (modificador interpessoal).

O rótulo *Operador do mensalão* é encontrado nos dois jornais para se referir a Marcos Valério. Seu núcleo, *operador*, fora do contexto pode ser considerado “neutro”, pois seu significado básico é “executar/fazer algo”. No entanto, o modificador a ele vinculado (*do mensalão*) e o contexto da própria informação permitem que o leitor lhe atribua valor negativo. Na escala de argumentatividade, *operador* estaria, portanto, localizado entre os termos neutros e os negativos, configurando um elemento híbrido. *Do mensalão* pode ser interpretado como no rótulo anterior: um termo ideacional e interpessoal.

Nota-se, ainda, que, em *O Dia*, por duas vezes Marcos Valério é retomado como *empresário*. No primeiro momento, o rótulo vem acompanhado do nome completo do personagem (como um aposto especificativo), enquanto, na segunda vez, o modificador que o acompanha revela sua origem (*o empresário mineiro*). O rótulo *empresário* pode ser considerado “neutro”, se a interpretação enfocá-lo apenas como um tipo de profissão, e positivo, se o leitor ativar a idéia de que essa profissão carrega um certo *status*, normalmente desenvolvida por pessoas empreendedoras. Logo, devido à dupla possibilidade de interpretação, torna-se um termo híbrido. O modificador *mineiro* tem função de acrescentar informação e, por isso, é um modificador ideacional.

Ainda no âmbito da rotulação, o enunciador do jornal *Extra*, apesar de ter apresentado apenas dois rótulos para se referir a Marcos Valério, empregou um rótulo com carga semântica bastante negativa, ao usar o núcleo *pivô* (= agente principal), cujo sentido é completado com

Lindemberg Fernandes Alves, 22 anos, invadiu o apartamento onde ela mora, num conjunto habitacional na região do grande ABC. Armado, ele ameaça matá-la. Policiais do Grupo de Ações Táticas Especiais (Gate) isolaram a área e negociam a libertação das jovens. Ontem, durante o dia, Lindemberg disparou cinco tiros de dentro do apartamento, o que aumentou ainda mais a tensão no local. Apesar do susto, ninguém ficou ferido. Pouco depois do último disparo, por volta das 16h, a ex-namorada de Lindemberg apareceu na janela do apartamento e, com as mãos, fez sinal de positivo para a polícia, indicando que tudo estava bem. No fim da tarde, a energia do apartamento foi cortada na tentativa de forçar o rapaz a se entregar. Lindemberg mora no mesmo conjunto habitacional que a ex-namorada. Outros moradores do edifício foram impedidos pela polícia de deixar o local, por medida de segurança. Além das duas adolescentes, outros dois jovens que faziam trabalhos escolares com elas também foram feitos reféns. (...)

JORNAL EXTRA [15 DE OUTUBRO DE 2008]

MANCHETE: Não há manchete. Título da matéria de dentro do jornal (p. 11, seção O País): Dezenas de horas sob a mira de um revólver. *Homem mantém namorada refém em apartamento em São Paulo.*

São Paulo. Inconformado com o fim do romance de quase três anos, o promotor de vendas Lindemberg Fernandes Alves, de 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel da Silva, 15 anos, refém por mais de 33 horas. A amiga dela, Naiara Rodrigues Vieira, da mesma idade, também foi mantida sob a mira de um revólver, mas solta após 33 horas e meia de negociação. Com o revólver, o rapaz invadiu o apartamento onde Eloá mora, no segundo andar de um conjunto habitacional em Santo André, no ABC, por volta de 13h30m de segunda-feira. Além das garotas, estavam no imóvel dois colegas de escola, Victor Lopes e Iago Vilera, também de 15 anos. (...)

Os enunciadores dos dois textos jornalísticos antes transcritos procederam de forma um pouco distinta quanto à imagem de Lindemberg. No jornal *O Dia*, o objeto-de-discurso para identificá-lo na

manchete foi *jovem ciumento*, enquanto, no jornal *Extra*, o foco voltou-se para o objeto-de-discurso *homem*. O modificador encontrado no primeiro (*ciumento*) traz uma informação e, ao mesmo tempo, atribui um valor negativo ao núcleo do objeto. É possível prever alguns efeitos que esses objetos-de-discurso podem gerar nos leitores. Em princípio, *jovem* foi empregado apenas para marcar a faixa etária do indivíduo. No entanto, esse vocábulo, em comparação com *homem*, pode remeter à ideia de que o indivíduo é imaturo, “apenas” um jovem ciumento, enquanto *homem* pode gerar a noção de “ser maior de idade”, de “saber o que está fazendo”. De qualquer forma, esses objetos-de-discurso veiculam, ainda sob enfoques um pouco distintos, imagens negativas de Lindemberg. No jornal *O Dia*, *rejeitado e violento* apresentam função anafórica, pois se referem ao rapaz, confirmando essa visão.

Ao longo dos textos, os objetos-de-discurso das manchetes *jovem ciumento* e *homem* são retomados, respectivamente, pelas anáforas *o ajudante de produção Lindemberg Fernandes Alves* (no jornal *O Dia*) e *o promotor de vendas Lindemberg Fernandes Alves* (no jornal *Extra*). Um leitor que tenha tido acesso aos dois textos pode se perguntar qual dessas era realmente a profissão de Lindemberg. De qualquer forma, esse tipo de informação é comum para identificar alguém, já que esses foram os primeiros textos publicados sobre o tema. Ademais, essas anáforas também se constituíram como objetos-de-discurso, ao passo que, para colaborar com a progressão textual, são retomadas, em outro parágrafo, pelo rótulo *rapaz*, considerado “neutro”. Os núcleos *ajudante* e *promotor* também são considerados “neutros” e os modificadores *de produção Lindemberg Fernandes Alves* e *de vendas Lindemberg Fernandes Alves* são ideacionais por adicionarem uma informação.

Quanto à construção das imagens das duas reféns, uma diferença encontrada entre os dois jornais é a ausência de seus nomes no jornal *O Dia*. Tal característica colabora para que o foco do texto esteja sobre o sequestro e o sequestrador, mas não nas vítimas da tragédia. Os primeiros objetos-de-discurso construídos para identificá-las na manchete foram *ex-namorada* e *amiga*, retomados, no decorrer do texto, por *duas adolescentes de 15 anos, a ex-namorada de Lindemberg, a ex-namorada e duas adolescentes*. Os núcleos desses sintagmas nominais são considerados “neutros”. Os modificadores *de 15 anos* e *de Lindemberg* são ideacionais (acrescentam informação). Diferentemente, no jornal *Extra*, o objeto-de-discurso construído na manchete foi *namorada*, retomado, primeiramente, por *a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel da Silva*. Acredita-se que essa anáfora tenha sido empregada não só para

informar ao leitor o nome da refém, mas também para esclarecer o tipo de relação que tinha com Lindemberg – *ex-namorada* e não *namorada*, como consta no título. Para se referir a Eloá e a Nayara, o enunciador empregou *garotas*, o que chama atenção, em oposição a *homem*. Observa-se, então, que *a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel da Silva* acumula duas funções: anáfora de *namorada* e objeto-de-discurso, que, junto com outro objeto (*a amiga dela*), é retomado pelo rótulo *garotas*. Quanto ao valor argumentativo, o núcleo *amiga* é híbrido, pois pode ser considerado “neutro”, por expressar um tipo de relação interpessoal, e positivo, por essa relação remeter a algo bom (amizade). O núcleo *garotas* é classificado como “neutro”.

Os dois próximos extratos foram publicados no dia seguinte ao desfecho do sequestro.

JORNAL *O DIA* [18 DE OUTUBRO DE 2008]

MANCHETE: 100 horas depois polícia invade. *Refêns* são feridas a tiro. *Sequestrador* sai ileso. Um fim trágico. Sequestro iniciado na segunda-feira termina com tiroteio e duas adolescentes feridas – uma delas gravemente. Polícia afirma ter usado balas de borracha. Título da matéria de dentro do jornal (p. 3, seção: Geral): Sequestro trágico em Santo André termina com duas *refêns* feridas, uma em estado gravíssimo.

Santo André (SP). Após 100 horas de tensão, terminou às 18h10 de ontem, de forma trágica, o mais longo sequestro de São Paulo. A polícia invadiu o apartamento em Santo André onde Eloá Cristina Pimentel Silva e Nayara Vieira Rodrigues, ambas de 15 anos, eram mantidas refêns pelo *ex-namorado* da primeira, Lindemberg Alves, 22 anos. Houve tiroteio e *Eloá* – baleada na virilha – está em coma. *Nayara* foi baleada na boca, mas está fora de perigo. As meninas foram para o Centro Hospitalar Santo André, e Lindemberg foi preso sem ferimentos. A polícia diz que usou balas de borracha (...).

JORNAL *EXTRA* [18 DE OUTUBRO DE 2008]

MANCHETE: É o fim! PM paulista errou nas 100 horas de negociação e sequestro terminou de forma trágica: as duas meninas foram baleadas. Manchete da página em que o texto se encontra (p. 3, seção O País): Desfecho trágico e anunciado em SP. Após

sucessão de equívocos, polícia invade cativado em Santo André e as duas adolescentes são baleadas.

São Paulo. Depois de mais de cem horas, terminou em tragédia o sequestro de duas adolescentes, em Santo André, no ABC paulista. Numa sucessão de erros da polícia, as jovens que eram mantidas reféns por Lindemberg Fernandes Alves, de 22 anos, foram baleadas e levadas para o Centro Hospitalar Municipal Santo André. Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, foi internada em estado gravíssimo. A jovem, ex-namorada de Lindemberg, levou dois tiros: um na cabeça e outro na virilha. Sua amiga Nayara Vieira, também de 15 anos, foi baleada no rosto, mas está fora de perigo e consciente. (...)

Observa-se que ambos os jornais dão destaque para a situação das reféns após o desfecho. Os objetos-de-discurso usados no jornal *O Dia* foram: *duas adolescentes feridas* (na manchete) e *duas reféns* (no título que precede a matéria). Esses objetos são retomados pelos próprios nomes das reféns (Eloá e Nayara) e pelo rótulo anafórico *as meninas*. O enunciador do jornal *Extra* também emprega esse núcleo para construir seu objeto-de-discurso expresso na manchete e, portanto, dá grande enfoque a ele (*as duas meninas*). Do ponto de vista argumentativo, *meninas* não é completamente “neutro”, pois indica uma noção de inocência e/ou fragilidade. Estaria, portanto, em uma escala de argumentatividade, localizado entre os termos “neutros” e os positivos. No jornal *Extra*, ainda há outros rótulos que retomam esse objeto-de-discurso, como *duas adolescentes* (no título que precede a matéria) e *as jovens*.

Quanto à imagem de Lindemberg, o enunciador do jornal *O Dia* emprega o objeto-de-discurso *sequestrador*, que recebe o foco, assim como *reféns* (na manchete). Ao longo da matéria, é retomado por seu nome completo e pelo rótulo *ex-namorado*. No jornal *Extra*, há apenas uma menção ao rapaz através do emprego de seu nome completo. Essa diferença demonstra que, por parte do enunciador de *O Dia*, parece haver maior “empenho” em denegrir a imagem de Lindemberg.

Os trechos a seguir foram retirados do jornal *O Dia*, dois dias depois do crime, quando já se tinha conhecimento do falecimento da refém Eloá.

JORNAL *O DIA* [20 DE OUTUBRO DE 2008]

MANCHETE: anjo Eloá vai salvar vidas. Título da matéria de dentro do jornal (p. 3, seção: Geral): *Lindemberg* se dizia o ‘príncipe

do gueto'. Sequestrador e assassino de Eloá é hostilizado por presos no Centro de detenção de Pinheiros. Ainda em choque, família decide doar os órgãos da adolescente. Procedimentos já começaram.

Santo André (SP). Alternando momentos de tristeza e extrema agressividade, Lindemberg Alves, 22 anos, que sequestrou e matou a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, e feriu a amiga Nayara Rodrigues da Silva, permanece isolado em uma cela, no centro de Detenção Provisória (CDP) de Pinheiros, na Zona Oeste de São Paulo. Ontem, o rapaz reclamou de dores pelo corpo e foi medicado segundo a polícia. Dois dias depois do crime, o jovem repetiu diversas vezes o mesmo apelo: “Quero Eloá. Eu amo Eloá. Ela é tudo na minha vida.” Segundo policiais que tiveram contato com o sequestrador e assassino, ele está abalado emocionalmente e parece em estado de choque, sem saber o que se passou. (...)

Destaca-se o teor argumentativo do objeto-de-discurso *anjo Eloá* construído na manchete do jornal. O núcleo do sintagma nominal é nome próprio e, por isso, tem valor “neutro”. No entanto, *anjo*, como um modificador, nesse caso, faz com que o objeto-de-discurso expresse uma noção bastante positiva sobre a jovem, já que remete não só à ideia de inocência, mas também a de alguém que, mesmo após a morte, ajudará outras pessoas. De maneira oposta, para se referir a Lindemberg, no título da matéria de dentro do jornal, o enunciador empregou a expressão anafórica *sequestrador e assassino de Eloá*, cujos núcleos apresentam alto valor negativo. Essa expressão passa a ser um objeto-de-discurso à medida que, ao longo da matéria, é retomada por rótulos anafóricos, tais como *rapaz* e *o jovem*.

Logo, ao trabalhar com rotulação em sala de aula, é necessário promover atividades que suscitem a discussão, entre os alunos, sobre a construção de imagens e de pontos de vista que esse recurso pode gerar em diferentes gêneros textuais. Em relação a essa notícia, podem ser lançadas algumas questões como pontos de partida para o debate e para algumas atividades:

(i) É possível fazer algumas comparações sobre a construção da imagem de Eloá e de Lindemberg ao longo dos extratos analisados?

(ii) Os alunos acreditam que todos os rótulos desses textos poderiam ser encontrados em notícias sobre o mesmo tema publicadas em jornais *menos* populares, tais como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*?

(iii) Como os alunos retextualizariam essas notícias em função de sua publicação em jornais ainda *mais* populares, tais como *Meia Hora e Expresso*?

As duas últimas questões servem, também, para os primeiros textos analisados sobre a prisão de Marcos Valério. Mais perguntas serão suscitadas de acordo com a interação dos alunos e com o emprego de uma sequência didática (cf. Dolz e Schneuwly, 2004, p. 95-147) com a qual o professor trabalhe, privilegiando a análise da referenciação em conjugação com o ensino de diversos gêneros textuais, dos mais para os menos conhecidos. Enfatiza-se, ainda, que o professor deve “diagnosticar” seu público alvo, não só para decidir os gêneros com os quais vai trabalhar, mas também para que traga textos cujos temas sejam instigantes.

Quanto às imagens de Eloá e de Lindemberg (cf. primeira questão antes enumerada), fazem-se algumas considerações. Nas primeiras publicações sobre o fato (dia 15/10/2008, quando o sequestro já passava de 33 horas), os núcleos dos rótulos que remetiam aos objetos-de-discurso que representavam Lindemberg eram próximos da neutralidade (*jovem, rapaz, promotor, ajudante*), enquanto que os objetos-de-discurso e rótulos nas edições dos jornais que apresentam o desfecho e, principalmente, na que foi publicada após a morte de Eloá, o categorizam de forma extremamente negativa. Tal comportamento dos enunciadores dos jornais já era esperado devido ao rumo que tomou o sequestro. No entanto, há quem afirme que a posição da polícia e, especialmente, da mídia, desde o início das publicações, ao tratá-lo como *jovem ciumento* e não como *sequestrador e assassino em potencial*, colaborou para que o fato se estendesse por tanto tempo e se tornasse uma tragédia.

Quanto à imagem de Eloá, ao longo dos textos, houve uma mudança da natureza das anáforas, especialmente as do jornal *O Dia*. Na primeira publicação, o seu nome não foi mencionado, era apenas uma *ex-namorada*, tornando-se, na última publicação analisada, o objeto-de-discurso *anjo Eloá*, parte de destaque na manchete em que aparece sua foto. Essas considerações reafirmam o fato de os objetos-de-discurso serem dinâmicos, construindo ou reconstruindo os sentidos no curso da progressão textual (cf. Koch, 2004, p. 18).

Os núcleos dos rótulos encontrados nos jornais sobre “o caso Eloá” podem, então, ser distribuídos na seguinte escala de argumentatividade:

M. M; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 178-190.

IKEDA, Sumiko Nshtami. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, BONINI & MOTTA-ROTH (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 46-64.

KOCH, I. V. G. A construção de objetos-de-discurso. *ALED* 2 (1), 2004, p. 7-20.

_____. Rotulação: uma estratégia textual de construção do sentido. *Calidoscópio* 4 (2), 2006, p. 85-89.

MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, BONINI & MOTTA-ROTH (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 80-106.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, BONINI & MOTTA-ROTH (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

Resumo

Este artigo demonstra como o recurso coesivo rotulação ocorre em notícias publicadas no mês de outubro de 2008 em jornais cariocas. Esses textos tratam de dois fatos polêmicos: a prisão de Marcos Valério e a morte de Eloá Pimentel. Busca-se, com o material, compreender o processo de construção de objetos-de-discurso e de rótulos anafóricos que colaboram para criar as imagens das personagens envolvidas nos fatos e para expor o ponto de vista do enunciador. Ademais, tecem-se algumas considerações sobre como é relevante levar esse tipo de análise para sala de aula.

Palavras-chave: referência; rotulação; objetos-de-discurso.

Abstract

This paper shows how the cohesive resource *labeling* occurs in news. The data is from Rio de Janeiro's newspapers during the month of October, 2008. These texts deal with two controversial topics such as Márcio Valerio's arrest and Eloah Pimentel's death. Along with this material, the researcher attempts to understand not only the construction process of the speech objects but also the anaphoric labels which contribute to create both the images of the people involved in these stories and to reveal the speaker's point of view. Besides, it comments on the relevance of raising this topic in the classroom.

Keywords: reference; labeling; speech objects.